

Auxílio aos devedores, "passo revolucionário"

WASHINGTON — O princípio de que vários países em desenvolvimento não poderão pagar o total de suas dívidas externas, admitido pela primeira vez pelo governo dos Estados Unidos e por um grande banco credor americano, está sendo considerado "um passo revolucionário" para a solução do problema mundial da dívida.

O princípio foi estabelecido pelo plano de conversão da dívida mexicana anunciado pelo Departamento do Tesouro, em Washington, e pelo Banco Morgan, em Nova York, provocando uma imediata alta geral nas ações dos principais bancos na Bolsa de Valores, mesmo num dia de baixa.

O modelo criado para o México e que pode ser aplicado também ao Brasil, ganhou a primeira página dos mais importantes jornais americanos, repercutindo favoravelmente na comunidade financeira internacional. Segundo o *Wall Street Journal*, o remédio para a dívida mexicana "pode transformar profundamente a dinâmica do problema da dívida". E o embaixador Rubens Antônio Barbosa, um dos negociadores brasileiros, entrevistado pelo jornal, não só o confirma como também antecipa que "esta é uma das idéias" que serão apresentadas na próxima rodada de negociações, em janeiro.

O economista Luiz Beluzzo também diz ao *Wall Street Journal* que: "não posso imaginar o Brasil negociando em nenhuma outra direção", referindo-se ao caminho aberto pelo México, após uma difícil negociação iniciada em julho.

"Mas o Brasil pode?", perguntou um banqueiro, em Nova York, ao ser consultado pela Agência Estado. "O Brasil não tem reservas", ele próprio

respondeu, acrescentando: "O México está tirando US\$ 2 bilhões de suas reservas para tornar o plano possível, e vai pagar uma taxa de juros 1,625 acima da *libor*, exatamente o dobro do que paga atualmente. Para o Brasil, tudo isso seria muito difícil".

Para William R. Cline, do *Institute for International Economics*, e que acompanha de perto a economia brasileira, o programa mexicano "é uma inovação útil, mas de modesta dimensão". Ele deverá exercer uma forte pressão sobre o mercado secundário, onde cada dólar da dívida do Brasil está cotado em 45 centavos. Já para o senador democrata Bill Bradley, o plano "é o primeiro passo para uma possível solução para a crise da dívida do Terceiro Mundo", envolvendo sacrifícios para os credores e devedores. E para o deputado democrata Charles Schumer, o anúncio feito pelo Departamento do Tesouro, anteontem, "é o reconhecimento de que não adianta emprestar dinheiro para que alguns países o devolvam aos bancos em forma de juros".

O sucesso do plano mexicano, porém, vai depender da reação dos bancos credores. Alguns já deram seu apoio público, mas para o negócio prosseguir será necessário que decidam participar sob condições aceitáveis para o México. A reação inicial foi considerada "encorajadora" por um vice-presidente do Morgan Guaranty Trust, o agente do México diante da comunidade financeira internacional. "Estão todos sendo muito polidos ao dizerem que gostam da idéia, mas o primeiro teste, naturalmente, acontecerá no momento em que começarmos a apresentar as ofertas." (M.R.).